

Celentano finalmente entrou no ar para fazer um programa de hora e meia. Reservou todo o espaço disponível para o seqüestro, como era esperado. Se agisse de forma diferente estaria contra a lógica da informação. O assunto era manchete nacional, veiculado inclusive nos principais noticiosos do país. Nas últimas horas, quase não sobrou tempo para a sua TVer, o único canal da cidade, pois as solicitações de boletins informativos vinham de todo o país. O fato atingira dimensões que ultrapassaram as fronteiras do Estado de São Paulo.

Com pouca habilidade e muita negligência, abordou o assunto de forma passional, incitando os telespectadores à ira e à subversão da ordem, sem sequer se dar conta do que fazia. Seu desejo era a audiência e o sensacionalismo, facilmente atingidos porque o assunto é um tema forte. Toda a cidade, incluindo o delegado Prates, está de olho na TVer. A Rádio da Revolução, apesar do pouco relacionamento que mantém com o apresentador, entrou em cadeia e passou a transmitir o áudio da televisão.

A partir de determinado momento Celentano conseguiu transmitir, ao vivo, da frente da delegacia. Muitas pessoas se aproximavam por mera curiosidade para aparecer na TV e os mais entusiasmados gesticulavam, gritando palavras de incentivo à revolta. Prates mandou fechar os portões. A segurança da delegacia e de seus presos - sim os presos são de sua responsabilidade e por eles tem que zelar e proteger-lhes as vidas - está em perigo. Chamou o auxiliar imediato e mandou que se armassem. Mesmo em pequeno número, seus soldados disparando alguns tiros para o alto botariam para correr os curiosos que ali estavam. Pelo que se via na televisão, não passavam de uns poucos desocupados.

Na rua, em frente às câmeras, Hamilton gesticulava gritando frases de efeito, pondo para fora a revolta que a cidade lhe gerou.

- Vamos arrombar a delegacia e pegar esse bandido! Vamos dar o troco pra ele! O povo unido jamais será vencido!

O delegado ordenou que seus homens se colocassem em frente ao portão, na posição de ataque. Deu ordens para que apontassem os fuzis contra os revoltosos, mas não atirassem em hipótese alguma. Em caso extremo, deveriam atirar para o alto, apenas para assustar.

Em poucos minutos mais agitadores se juntam a Hamilton e gritam, em coro, exigências que assustam Prates.

- Solta o bandido, queremos justiça!

Prates foi ao telefone, ligou para São Paulo e pediu reforço policial. Ele previa uma invasão à delegacia e não podia garantir a vida do seqüestrador.

Quando a Força de Choque chegou, vindo da base aérea da cidade vizinha, a delegacia estava prestes a cair nas mãos dos rebeldes.

- Recuem, mantenham a ordem. Eu não vou abrir os portões – Prates usa um megafone e se esforça para ser ouvido por todos.

A televisão foca o delegado e Celentano intermeia comentários sutilmente opostos ao que pede Prates.

- Eu não quero atirar em ninguém – o delegado ameaça, mas o povo não recua.

Ouvem-se as sirenes do batalhão de choque se aproximando em alta velocidade. A viatura com policiais preparados para a contenção de tumulto não pode chegar até a delegacia. O povo tomou conta da rua e dá demonstrações de que não vai sair. Os soldados do choque descem dois quarteirões antes e o comandante ordena que um deles atire para o alto. As pessoas se assustam e recuam, mantendo a gritaria. Hamilton também retrocede, embora continue à frente da multidão com as feições transtornadas pela ira. Os soldados passam quase tocando em seu peito. Ele precisa fazer esforço para segurar os que estão atrás. Poderia ser atropelado pelos policiais que mostram, no rosto, tanta raiva quanto ele. O comandante fixou os olhos em Hamilton que tentou recuar mais um passo sem conseguir. Havia muita gente às suas costas. O olhar do chefe militar encontrou o dele e se devoraram de ódio, como duas espadas de fogo em luta.

Os homens do choque se posicionaram, fazendo uma parede humana fortemente armada em frente à delegacia, cada um deles com metralhadora portátil, revolver, capacete de aço, colete à prova de balas e escudo de policarbonato transparente. Os manifestantes não param de gritar e gesticular.

O comandante foi com Prates e o cabo Petta, seu imediato, para o gabinete policial. Quis saber tudo sobre aquele mais exaltado. Prates lhe contou que é o sapateiro da cidade, homem calmo, que hoje estava surpreendendo.

- Precisamos tirar o seqüestrador daqui – determinou o comandante. – Pela experiência que tenho, o estado de ânimo destas pessoas está à beira do descontrole.

- A gente sai no meu carro com Chumbinho no porta-malas – sugeriu o delegado.

- É o que vamos fazer porque se eles resolverem invadir o recinto, não podemos atirar e matar todo mundo.

O seqüestrador foi algemado e escondido no carro de Prates. O cabo Petta sentou-se ao volante, manobrou o veículo e seguiu em direção à saída. Os policiais do cordão de segurança se afastaram e o portão foi aberto.

Hamilton, ao ver um policial fardado dirigindo o carro particular de Prates, suspeitou que algo estranho acontecia. Aproveitou a abertura feita no cerco policial para a passagem do Monza e correu em direção ao motorista, querendo explicações. Cabo Petta, temendo ser agredido por Hamilton, que tentava abrir a porta do motorista, sacou o revólver, atirou no peito do líder rebelde, acelerou o carro, deu mais dois tiros a esmo e saiu em alta velocidade.

No meio da rua ficou o corpo sem vida de Hamilton e na calçada o garoto Bijú, aparentando 12 ou 13 anos, atingido acima dos quadris por uma das duas balas perdidas.

- Mataram o sapateiro! Vamos invadir e pegar o bandido! - gritou alguém, assumindo a liderança da revolta.

- É isso, vamos arrebentar essa merda – reforçou outro, referindo-se ao mini presídio da delegacia.

A população, ainda mais enraivecida e furiosa com a morte do líder, avançou portão adentro. Os soldados, que receberam ordens para não atirar em hipótese alguma, ficaram imobilizados e atônitos, limitando-se a observar. Não entraram em luta corporal, primeiro porque não havia ordens para isso e depois não podiam lutar sem uso de armas por serem em menor número. Seria uma luta desigual, apesar do preparo profissional dos militares.

O comandante sacou o revólver e quis atirar nos invasores. Prates foi enérgico e advertiu o chefe militar.

- Não faça isso!. Já tiramos o marginal daqui.

Segurou o braço do comandante impedindo mais mortes, dirigiu-se aos invasores e gritou.

- Chumbinho não está mais aqui, foi transferido para Boa Vista!. Voltem para casa!

Não foi ouvido. Em meio ao silêncio que se instalou, surgiram gritos de alerta, vindos do fundo do prédio.

- Fogo! Fogo!

Era o início de um incêndio devastador. Durante a invasão, um dos revoltados infiltrou-se com dois litros de gasolina em uma garrafa de plás-

tico.

O fogo fora programado.